



AVALIAÇÃO DA DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM A PARTIR DO COMPORTAMENTO DO ALUNO

Lídia Andrade Lourinho

lidia.lourinho@ig.com.br

Sâmia Silva Gomes

Ana Maria Fontenelle Catrib

Universidade de Fortaleza

Introdução

Apesar de não existir uma definição consensual acerca do termo DA, mesmo sendo a Lei Pública Americana, P.L. 94-142, a mais aceita internacionalmente, e nela destacando que o termo não engloba crianças com problemas de aprendizagem resultantes de deficiência visual, auditiva, motora, mental, de perturbação emocional ou de desvantagens ambientais, culturais ou econômicas (CORREIA, 1999, p.55), a definição de Kirk & Chalfant, citada em Cruz (1999) é a mais freqüentemente utilizada nos ambientes educacionais e agrupa as Dificuldades de Aprendizagem em: desenvolvimentais primárias (atenção, memória e percepção); secundárias (pensamento e linguagem oral) e Acadêmicas (leitura, escrita, soletração/expressão escrita e aritmética) que, no âmbito deste trabalho, será a mais utilizada, pois segundo este modelo, *a avaliação dos indivíduos em idade pré-escolar orienta-se basicamente para o diagnóstico das DA desenvolvimentais* (Cruz, 1999, p.96), e a identificação precoce dessas dificuldades apontam para uma possível solução dos fracassos escolares.

Sabendo-se que a leitura e a escrita são a base de toda a aprendizagem, e esta base é iniciada na Educação Infantil, o que quer dizer que as dificuldades nestas áreas podem determinar o insucesso de um aluno, levando-o ao fracasso escolar e mais adiante à desistência do estudo, a identificação precoce dessas dificuldades faz-se necessária desde a educação infan-

til, porém com o devido cuidado de não ter como único fator identificador o comportamento do aluno.

Diversos autores comungam com o mesmo pensamento em relação à necessidade de uma identificação precoce. Defior Citoler (1996) declara ser imprescindível a identificação dessas crianças por meio do recolhimento de informações pormenorizadas acerca delas, para que se possa implementar programas de intervenções direcionadas, não apenas pelo simples fato do aluno se comportar diferente dos outros. Nielsen (1999) afirma ser fundamental que o diagnóstico das DA seja feito o mais precocemente possível, com o intuito de se evitar futuras rotulações desnecessárias.

Muitas crianças são identificadas como portadoras de dificuldades de aprendizagem quando não conseguem realizar o que se espera de um programa de ensino. Quando o rendimento escolar não corresponde às expectativas da família ou da escola, na maioria das vezes a criança é rotulada como portadora de dificuldades de aprendizagem (PISANDELLI, 2003). Primeiro devemos indagar se há de fato uma dificuldade de aprendizagem, ou se o rendimento que a criança apresenta não está satisfazendo as expectativas da professora ou da escola e por que.

No Município pesquisado essa identificação acontece na Educação Infantil, mesmo as professoras não tendo a certeza e a devida preparação para esta identificação, porém sugerem que os alunos, os mais quietos ou os mais agitados, são aqueles que possivelmente podem apresentar dificuldade de aprendizagem, culpabilizando assim o sujeito.

As dificuldades de aprendizagem quase sempre são associadas a problemas comportamentais e emocionais. De modo amplo essas crianças são caracterizadas como as menos envolvidas com as tarefas escolares.

São os que não participam. A gente tem que está puxando, tem que está chamando. Eu acho que



são esses que têm dificuldade para aprender. (Professora I).

Normalmente relacionam a aprendizagem do aluno destacando suas diferenças baseados pelo seu comportamento em sala de aula, não se preocupando em relacionar outras variantes necessárias para essa identificação. Mesmo a criança estando sujeita à maioria dos transtornos encontrados no adulto, na maioria das vezes, o diagnóstico é difícil e precariamente realizado, levando a rótulos desnecessários, principalmente o da hiperatividade. A atribuição multifatorial se faz necessária para que não haja as rotulações.

Pra identificar, a gente nota logo, porque ele fica mais reservado dos outros alunos, ele não se engaja com os outros meninos, não interage com a turma, é muito lento, não tem atenção. A gente vai fazer assim uma dinâmica, vai fazer um estudo na sala, ele já fica mais retraído, mais separado dos outros. Aí eu percebo logo que não tem coordenação motora, não tem estímulo nenhum, tem dificuldade de aprendizagem mesmo. Aí o que é que eu faço: procuro dá mais assistência a ele, lógico que eu dou a todos. São muitos meninos na sala, eu tenho 29 alunos. Aí aqueles que a gente vê que tem mais dificuldades, são mais lentos e não se concentram, dou mais assistência (Professora A).

Para se reconhecer uma criança com dificuldades de aprendizagem é necessário, antes de tudo, entender o que é aprendizagem e quais são os fatores que nela interferem.

Correia e Martins (1999) consideram de grande importância a identificação das dificuldades de aprendizagem o mais precoce possível e apresentam uma lista de diversos comportamentos que podem ser verificados e que podem indicar o aparecimento das mesmas, como: dificuldades em articular

palavras; rimar palavras; aprender vocabulário novo; coordenar ordens; contar histórias; responder a perguntas e compreender conceitos.

Quando falamos de identificação precoce das DA, não podemos esquecer da importância que a linguagem assume nessa identificação, um atraso de linguagem pode ser detectado por um conjunto de sinais mercedores de atenção na Educação Infantil, que incluem a falta de interesse em escutar historinhas e a aquisição lenta do vocabulário.

Defior Citoler (1996) refere que algumas investigações comprovam que crianças que apresentam um atraso na aquisição da linguagem experimentam com maior frequência dificuldades na leitura. Comprovando assim que existe uma relação entre o nível de desenvolvimento da linguagem oral e a aprendizagem da leitura, reafirmando mais uma vez a necessidade da identificação prematura. De acordo com Cruz (1999, p.103) em relação à dificuldade para ler, nos diz que sendo a leitura *uma perturbação que pode persistir durante a vida adulta, a identificação e prevenção precoces são fundamentais para evitar a cristalização da dificuldade e dos problemas associados a ela.*

Quando a gente nota é assim, quando a criança está mais agressiva, mais agitada, mais desligada. A gente tenta conversar, ela não quer, fica recuada. Como pra conversar, ela já não quer, tem umas até que se abre, conversa com a gente, diz o que é que ta acontecendo. Já têm outras que não, eu já sei identificar essas problemáticas, são elas que não vão conseguir aprender a ler e escrever (Professora K).

Não podemos deixar de enfocar a complexidade existente no fenômeno – aprendizagem humana, que de acordo com Bossa (2000) tem a dimensão da própria vida. Segundo Perrenoud (2003) está na hora de compreender que a complexidade dos processos em questão não é exatamente proporcio-



nal à idade delas. A infância é um momento onde as estruturas fundamentais do indivíduo são organizadas, portanto os erros educativos têm conseqüências das mais graves.

Ainda seguindo o pensamento do autor, em se tratando de crianças pequenas, os processos envolvidos são mais *opa-*cos, porque o principal interessado ainda não é capaz de participar plenamente da resolução dos problemas e da conduta de uma ação educativa. O profissional da Educação infantil deve adquirir a cooperação de pais por vezes outras vezes presentes porem, muito angustiados, desconfiados e quando não, agressivos. Intervir junto a uma criança pequena é compreender, além de todo o seu desenvolvimento, a sua dinâmica familiar, suas condições de vida e até seus hábitos alimentares.

Conclusão

Sabemos que nem os pais, muito menos a escola, estão preparados para realizar um diagnóstico dessas dificuldades. Quando as dificuldades acontecem com crianças que estão na Educação Infantil acham ser normal, ou da idade. Quando mais tarde estão no Ensino Fundamental, os professores observam a dificuldade, porém não sabem como agir diante dela, e os que sabem não fazem muita coisa para auxiliar (Cuco e Cucco, 2005).

Assim sendo, tanto no Infantil IV e V, como na alfabetização, os professores devem ater-se ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, com o objetivo de realizar uma efetiva detecção e uma eficaz prevenção das DA. É essencial proceder uma observação ordenada de cada criança, em grupo e individualmente, com intuito de identificar as dificuldades de aprendizagem desenvolvimentais, para se evitar o aparecimento das Acadêmicas.

Por fim, não devemos tratar as dificuldades de aprendizagem como problemas insolúveis, mas como desafios que estão inseridos no processo de ensino e aprendizagem. Tam-

bém é imperioso que as identificações das possíveis dificuldades que apareçam durante o processo de ensino e de aprendizagem devem ser identificadas e prevenidas o mais cedo possível, de preferência na pré-escola. Neste caso, os professores da Educação Infantil deveriam ser capazes de realizar uma avaliação global da criança, com vista a um encaminhamento específico e um tratamento mais adequado e eficiente.

Referências Bibliográficas

BALLONE, G. J. – *Dificuldades de Aprendizagem* – in. **PsiquWeb**, Internet, disponível em <<http://www.psiqweb.med.br/infantil/aprendiza.html>>revisto em 2003.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977, 225 p.

BOSSA, N. A. *A Psicopedagogia no Brasil*. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

Perrenoud, P. – *Para educar crianças pequenas, o bom senso não basta* / in. http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php_main/php_2003/2003_28.html, acesso em 25/09/06.

CORREIA, L. M. E MARTINS A. P. *Dificuldades de Aprendizagem: Que são? Como entendê-las?* Porto: Editora Porto, 1999.

CUCO R. F. & CUCCO S. A. *Corrigindo Dificuldades de Aprendizagem através do lúdico*. Disponível em : http://www.unidavi.edu.br/PESQUISA/revista/material_publico//2a%20Edicao/silvinha.pdf. Acesso em 12/07/2005.

CRUZ, V. *Dificuldades de Aprendizagem: fundamentos*. Porto: Editora Porto, 1999.

DEFIOR CITOLER, S. *Las Dificultades de Aprendizaje: um enfoque cognitivo – lectura, escritura, matemáticas*. Archidona: Ediciones Aljibe, S.L., 1996.



NIELSEN, L. B. *Necessidades Educativas Especiais na Sala de Aula: um guia para professores*. Porto: Porto Editora, 1999.

PISANDELLI, G. M. *Dificuldades de Aprendizagem: Conseqüência do despreparo dos Professores ?* Psicopedagogia On line, São Paulo. Disponível em: www.psicopedagogia.com.br/artigos, Setembro, 2003.